

dma

REVISTA DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA

da mihi animas

2010

n. 5 - 6 / maio - junho



POBREZA E JUSTIÇA

dma

Revista das Filhas de Maria Auxiliadora
Via Ateneo Salesiano, 81 - 00139 Roma

tel. 06/87.274.1 • fax 06/87.13.23.06
E-mail: dmariv2@cgfma.org

Diretora responsável
Mariagrazia Curti

Redação
Giuseppina Teruggi
Anna Rita Cristaino

Colaboradoras

Tonny Aldana • Julia Arciniegas • Mara Borsi • Piera Cavaglià • Maria Antonia Chinello • Anna Condò • Emilia Di Massimo • Dora Eystenstein • Laura Gaeta • Bruna Grassini • Maria Pia Giudici • Palma Lionetti • Anna Mariani • Adriana Nepi • Louise Passero • Maria Perentaler • Loli Ruiz Perez • Paola Pignatelli • Lucia M. Rocas • Maria Rossi • Bernadette Sangma • Martha Séide

Tradutoras

francês – Anne Marie Baud
japonês - inspetoria japonesa
inglês - Louise Passero
polonês - Janina Stankiewicz
português – Maria Aparecida Nunes
espanhol - Amparo Contreras Alvarez
alemão - inspetorias austríaca e alemã

EDIÇÃO EXTRACOMERCIAL

Istituto Internazionale Maria Ausiliatrice – Via Ateneo Salesiano, 81, 00139 Roma – c.c.p.

47272000 – Reg. Trib. Di Roma n. 13125 do 16-1-1970 – sped. abb. post. – art. 2, comma 20/c,
legge 662/96 – Filial de Roma – n. 1/2 janeiro-fevereiro de 2010 – Tip. Istituto Salesiano Pio XI –
Via Umbertide, 11 – 00181 Roma.

Edição em Português

Sumário

EDITORIAL	A casa da comunicação	4
ENCONTROS	Pobreza e justiça	5

Primeiro plano: Aprofundamentos bíblicos, educativos e formativos

O PORQUÊ DE TERESA	A graça da unidade	10
RAÍZES DE FUTURO	Dom Miguel Rua e o Instituto das FMA	12
AMOR E VERDADE	Por uma relação de justiça e caridade	13
FIO DE ARIADNE	Relações, identidade, santidade	15

Em busca: Leitura evangélica dos fatos contemporâneos

CULTURAS	O mito: a busca pela terra sem males	18
PASTORALMENTE	Aprender juntos	19
MULHERES NO CONTEXTO	Mãos empastadas de justiça	21
PALAVRAS-CHAVE	A Vocação ecumênica	22

Comunicar: Informações, notícias, novidades do mundo da mídia

CARA A CARA	Comunicar em Comunidade	23
COMUNICAR A FÉ	Pastoral da Comunicação	25
VÍDEO	Welcome	26
ESTANTE	Resenha de vídeos e livros	28
LIVRO	As asas da liberdade	30
CAMILLA	www.cuidadenos	32



A casa da comunicação

Giuseppina Teruggi

Em março passado foi constituída em Roma a *Comissão internacional de Comunicação* tendo em vista um processo de pesquisa e discussão sobre a cultura da comunicação. O grupo reafirmou a consciência de que a comunicação hoje está impregnada de vida: estamos imersos na mídia, que se tornou um ambiente feito não só de meios e instrumentos, mas de uma nova sensibilidade, uma mentalidade diferente em que se encontram sobretudo os jovens, os chamados “nativos digitais”.

Virtual e real estão em relação de reciprocidade e não são dois conceitos contrapostos ou separados: vivemos em uma virtualidade real, em uma realidade construída pela mídia digital, com a qual se superam distâncias de tempo e de espaço. As redes sociais tornaram-se os espaços vitais habitados por um número crescente de jovens e menos jovens.

Como educadoras salesianas nós não podemos olhar de modo genérico para esta cultura que se caracteriza sempre mais como cultura de rede. É importante conseguir passar do ‘fazer rede’ ao mais profundo ‘ser rede’ e acompanhar os jovens na passagem do virtual ao real, da conexão à relação. «O desenvolvimento das novas tecnologias e todo o mundo digital, na sua dimensão global, representam um grande recurso para a humanidade no seu conjunto e para o homem na singularidade do seu ser, e um estímulo ao confronto e ao diálogo», afirma Bento XVI na Mensagem para o Dia mundial das Comunicações Sociais 2010.

Neste número, o DMA propõe a reflexão sobre pobreza e justiça. Um tema que sacode, que não deixa ficar indiferentes. Também o campo da comunicação é marcado pelas lógicas injustas que chamamos “distância digital”: os pobres experimentam a impossibilidade de usufruir das novas tecnologias e são discriminados por aqueles que gozam dos recursos midiáticos. Apesar das várias declarações das Nações Unidas, em nível operacional o problema não só está longe de uma solução, mas a distância vai se acentuando cada vez mais.

Um fenômeno que também pode existir localmente, onde às vezes criam-se novos “poderes” relacionados ou não com a utilização da mais tecnologia mais recente.

“Não haverá progresso se não for de todos e para todos”, afirma Olivier Turquet. A casa da comunicação – como quer ser caracterizada cada comunidade educativa – é chamada a tornar-se sempre mais espaço aberto de vida e de expressão para cada pessoa que a habita. Ninguém nela deve considerar-se hóspede, estranho, excluído.

gteruggi@cgfma.org

ENCONTROS

Pobreza e Justiça

Julia Arciniegas, Maria Antonia Chinello

Fala-se de pobreza, porém em nível e de formas diferentes. É um problema fundamental para todos, agora com dimensões globais. De fato, estamos diante de uma dura realidade, que também é denunciada pela *Caritas in Veritate*: «Cresce a riqueza mundial em termos absolutos, mas aumentam as desigualdades. Nos países ricos, novas categorias sociais empobrecem e nascem novas pobreza. Em áreas mais pobres, alguns grupos gozam duma espécie de superdesenvolvimento dissipador e consumista que contrasta, de modo inadmissível, com perduráveis situações de miséria desumanizadora» (*CIV* 22). Não se trata tanto da ineficiência do fenômeno da globalização, mas trata-se, sobretudo, da distribuição ineficaz, injusta, dos recursos; de «sistemas econômicos, sociais e políticos que violaram a liberdade da pessoa e das corporações sociais e que, propriamente por isso, não são capazes de assegurar a justiça que prometiam» (*CIV* 34).

A partir do Grande Jubileu, alguns países empenharam-se em solucionar a questão da dívida internacional. Sem dúvida uma ferramenta essencial na luta contra a pobreza. Mas não basta.

Torna-se sempre mais necessária uma mobilização de recursos econômicos eficazes e rápidos em vista dos Países empobrecidos, que privilegie o setor das intervenções sociais. Tais soluções, assinadas nas mais prestigiadas sedes internacionais, e feitas joguetes na publicidade midiática mundial, parecem até agora ter tido apenas indício de promessas.

João Paulo II apontava para a necessidade e a urgência de uma grande obra educativa para mudar hábitos e estilos de vida tanto dos consumidores como dos produtores. «O desenvolvimento econômico, social e político – especifica a *CIV* – se quiser ser autenticamente humano, deve dar espaço *ao princípio da gratuidade* como expressão de fraternidade» (n. 34). Então, a questão de fundo é a mudança estrutural e cultural. Questão complexa que requer tempos longos e, não menos importante, uma certa audácia também nas decisões dos políticos, particularmente dos 'grandes da terra'. Para ditar justiça no presente e dar esperança ao futuro.

A diferença cristã

Segundo uma definição tradicional, a justiça é a virtude moral que consiste numa constante e firme vontade de dar a Deus e ao próximo o que lhes é devido. A crescente globalização aumentou o valor social da virtude da justiça, que requer soluções globais em nível social, político e econômico. Os esforços para construir a justiça sobre a terra devem partir da análise e da transformação das estruturas injustas, projetadas sobre uma dimensão mais universal. É um empenho que apela para a liberdade responsável das pessoas e dos povos, com a consciência de que tanto as estruturas como as instituições são instrumentos da liberdade humana (Cf. *CIV* 17, 42, 78). Parafraseando a definição clássica de "justiça", poder-se-ia dizer que justiça social é a constante e firme vontade de favorecer o bem comum como condição social para um autêntico desenvolvimento humano integral.

A justiça não pode permanecer no âmbito puramente legal-positivo: ocorre aprofundar suas raízes em uma antropologia, para que o valor da pessoa, da sua dignidade e dos seus direitos não sejam apenas entendidos em termos de utilidade e de posse. Na antropologia cristã, a justiça assume um significado pleno e autêntico. De fato, ela não é uma simples convenção humana, porquanto aquilo que é "justo" não é originariamente determinado pela lei, mas pela identidade profunda da pessoa, pela sua vocação transcendente. Em tal sentido, e levando em conta o papel do amor no desenvolvimento pessoal, é necessário que a justiça seja acompanhada e vivificada

pela caridade: a justiça é o primeiro passo, absolutamente indispensável, mas insuficiente, para construir a sociedade à altura do ser humano.



ENTREVISTA

A voz feminina da justiça



UMA ENTREVISTA COM FLAMINIA GIOVANELLI, SUBSECRETÁRIA DO CONSELHO PONTIFÍCIO JUSTIÇA E PAZ

Flaminia Giovanelli é a primeira mulher que ocupa o cargo de subsecretária no Conselho Pontifício Justiça e Paz. Nasceu em Roma em 24 de maio de 1948 e é ex-aluna das Filhas de Maria Auxiliadora. Ela recebeu seu certificado científico na *Ecole Européenne* de Bruxelas, laureou-se em Ciências Políticas, na Universidade de Roma, e se diplomou em Ciências Religiosas na Pontifícia Universidade Gregoriana.

Desde 1974 trabalha junto ao Conselho Pontifício Justiça e Paz, interessando-se sobretudo pelos temas relativos ao desenvolvimento, à pobreza e ao trabalho na ótica da doutrina social da Igreja. Ao aceitar a nomeação como subsecretária, afirmou que o seu trabalho, mais que um emprego, é uma vocação, porquanto é um serviço prestado ao homem, à pessoa humana. É um serviço prestado à Igreja e à relação de trabalho».

A sua experiência no Conselho Pontifício Justiça e Paz permitiu-lhe entrar em contato com muitas realidades. Qual é o problema crucial que deverá ser enfrentado para que se possa sair da atual crise económico-financeira?

O mundo do trabalho é a principal vítima da crise financeira e econômica cuja onda prolongada repercute de modo persistente sobre os trabalhadores.

O que considero mais grave no caso da crise que explodiu em 2008, é que, originada nos países desenvolvidos, além de ter pesadas consequências sobre o mundo do trabalho desses mesmos países, tem consequências ainda piores sobre os trabalhadores dos países mais pobres, cujas economias e instituições são mais frágeis e menos capazes de enfrentá-la. Por isso, ao lado das providências tomadas por cada governo para dar impulso à ocupação, como empreender obras públicas com uso intensivo de mão de obra, melhorar os serviços ou favorecer a requalificação profissional dos trabalhadores, a comunidade internacional também promoveu algumas iniciativas importantes.

A *Organização Internacional do Trabalho (OIT)* adotou o *Pacto Global para o Emprego* na perspectiva do “trabalho decente”, estratégia encorajada também por João Paulo II, como lembra a Encíclica *Caritas in Veritate* no n. 63. Ainda, sustentar o acesso ao crédito das pequenas e médias empresas; apoiar as cooperativas; aumentar os investimentos não só em infra-estruturas, pesquisas e desenvolvimento, mas também em “produção verde” como instrumentos importantes para criar postos de trabalho; favorecer a passagem do trabalho informal à economia formal. Porém, ao lado de tudo isso não se deve descuidar a exigência, especialmente nos países pobres, de construir um sistema de proteção social efetivamente capaz de dar assistência aos mais fracos.

Pode-se falar de mais pobres entre os pobres?

É um dado de fato que, nas últimas décadas, em muitos lugares e até mesmo em espaços internacionais, foi restituída a centralidade à questão da pobreza e dos pobres.

É necessário identificar os mais pobres, porém mais que ficar insistindo sobre as categorias – mulheres, crianças, idosos, inválidos etc. – dever-se-ia insistir sobre a noção de “pobreza moral” que se quereria ver combinada com aquelas comumente usadas: pobreza como privação e vulnerabilidade, pobreza como falta de recursos necessários para satisfazer as necessidades elementares e como falta das capacitações humanas básicas, tal como o analfabetismo, a má alimentação, a reduzida esperança de vida, a má saúde das mães, etc. Por “pobreza moral” entende-se a ausência de referências morais e a degradação generalizada dos valores que se traduzem em comportamentos e mentalidades contrárias ao bem, particularmente a corrupção, a exploração das minorias, a manipulação política da etnia, o mau governo.

Quais são os principais obstáculos às políticas de desenvolvimento nos Países do Terceiro Mundo?

A situação é muito complexa e variada, pois não poucos daqueles países considerados parte do Terceiro Mundo há apenas algumas décadas atrás, são hoje emergentes, embora, infelizmente, a sua “emergência” ocorra na desigualdade. Os obstáculos são múltiplos e essenciais, como a educação deficiente (o número dos analfabetos gira em torno aos 7/800 milhões de pessoas), a dificuldade de acesso a alguns bens sem os quais a saúde se deteriora, por exemplo o acesso à água salubre, aos medicamentos. Mas também podem constituir um impedimento os sistemas sanitários absolutamente inadequados, a distribuição injusta das terras, como também as infra-estruturas insuficientes, os transportes, as redes elétricas ou telefônicas insuficientes especialmente no campo, ou a administração pública na maioria das vezes ainda em estado inicial.

Outra ordem de problemas está ligada às escolhas da política econômica, às vezes impostas externamente e não correspondentes às exigências reais ou à sua correta aplicação, sem dizer que muitos países pobres ainda não têm um sistema de proteção social. Enfim, nesta lista não exaustiva, as situações de conflito e de guerras e a corrupção dos responsáveis em vários níveis constituem os graves obstáculos que tornam difícil se não impossível o desenvolvimento de atividades econômicas e sociais normais. Todavia, ao lado dos obstáculos, devem ser consideradas as possibilidades extraordinárias que o nosso tempo oferece.

Sobressaem entre todas, as novas tecnologias que poderão ajudar os vários setores a dar passos de gigante. Os jovens, dos quais felizmente os Países pobres são ricos, são particularmente

rápidos para assumir as novas tecnologias. Daqui a importância da formação como caminho estratégico.

O que podem fazer os Países mais industrializados e o que deixam de fazer?

Também aqui o problema é muito complexo. Se não há dúvida de que os Países ricos devam encontrar o modo de destinar porcentagem maior do seu PIB na contribuição ao desenvolvimento – também são estas as sugestões do CIV, no n. 60 – a mim me parece mais eficaz, porque mais humano, e eventualmente também capaz de criar relações “fraternas”, potenciar e contar com a chamada “subsidiariedade fiscal” incentivando formas de solidariedade social a partir da base, como tem sugerido o Papa Bento XVI. De fato, quantos dentre nós adotam crianças à distância ou são sócios de ONLUS para o desenvolvimento gozando das relativas detrações fiscais ou indicando ao Estado a que Organizações devolver os 5 por mil do valor pago a título de imposto.

Que soluções possíveis vislumbra a Igreja para um desenvolvimento solidário da sociedade global?

O problema consiste em uma distribuição ineficaz e injusta dos recursos, devida, entre outras coisas, a uma *gestão* inadequada, também porque incapaz de adaptar-se com mesmo ritmo às mutações velocíssimas da sociedade hodierna. Há quarenta anos atrás, a Igreja já havia identificado esta fraqueza do sistema internacional. A situação analisada sob este ponto de vista, é tão grave que é considerada em muitas partes do mundo como uma das causas da chamada síndrome do “cansaço do doador”. Além disso, não se proporciona desenvolvimento sem um bom governo; em outras palavras, sem um Estado que funcione bem, tanto em nível central como local (regiões, municípios...) ou setorial (polícia, justiça, saúde educação...); isto é, um governo que funcione com eficiência e, sobretudo, com honestidade. Nos termos usados por Galbraith: «Nada é mais importante para o desenvolvimento econômico e para a condição humana que um governo estável, confiável, competente e honesto».

Com que iniciativas concretas é possível avançar para dar substância à solidariedade em nível global?

Restituir a equidade ao comércio internacional derrubando as barreiras protecionistas. Esforços ulteriores serão necessários para assegurar a todos os parceiros a oportunidade de obter benefícios com a abertura dos mercados e com a livre circulação dos bens, dos serviços e dos capitais. Além disso, hoje se reconhece universalmente que a chave do desenvolvimento em geral, e do desenvolvimento sustentável em particular, está na ciência e na tecnologia e neste âmbito os relevantes obstáculos à transferência do “*know-how*” ligado ao progresso tecnológico dos países ricos, que dele dispõem, aos países pobres, são o problema principal (Cf. CA, n. 32). Se se pensa que a maior parte destes últimos encontra-se em áreas tropicais em que a vida média é de 50 anos e se se tem presente que no mundo mais de 861 milhões de adultos, dos quais 2/3 são mulheres, não têm acesso à alfabetização e mais de 113 milhões de crianças não vão à escola, pode-se compreender que as iniciativas em matéria de educação e saúde constituem prioridade absoluta.



j.arciniegas@cgfma.org
Mac@cgfma.org

Trabalho justo para os jovens e os pobres

«Enquanto Dom Bosco colocava na escola os estudantes, com cuidado não menor ficava atento ao aproveitamento profissional de seus artesãos, que mandava do Oratório para aprender a arte, para trabalhar nas lojas de Turim.

Sempre vigilante, não só continuava a visitá-los muitas vezes, mas se sujeitava a estipular com os patrões contratos especiais que fossem rigorosamente observados» (Cf MB, IV, 295-297).

Unir forças para erradicar a pobreza

A UNIÃO europeia declarou 2010 como o “Ano europeu contra a pobreza e a exclusão social”. Com o lema “*Um basta à pobreza*”, a campanha pretende combater a pobreza – uma chaga que afeta um em seis cidadãos europeus. Quase 80 milhões de cidadãos europeus – ou 17% dos habitantes da EU – vivem hoje abaixo da linha da pobreza. As atividades compreendem campanhas de sensibilização, grupos de trabalho e seminários de informação nas escolas.

A UNDP (*United Nation Development Programme*) no Relatório 2009, assinala como fatores negativos da crise mundial:

Finanças e economia

- Diminui o crescimento do estoque
- Aumenta o desemprego
- Diminuem a assistência e os investimentos

Alimentos e petróleo

- Possível má nutrição generalizada
- Possíveis inconveniências e instabilidades civis
- Aumento dos preços que cria obstáculos aos teores de vida
- As crianças abandonam a escola para trabalhar

Mudança climática

- Diminui a produção agrícola
- Aumenta o risco de incêndios naturais causados pelas condições climáticas
- Aumentam as doenças tropicais

O Relatório Anual da UNDP é publicado em inglês, francês, espanhol, árabe e russo e é acessível no site: <http://www.undp.org/publication/annualreport2009/report.shtml>

Pedro Casaldáliga: Defensor incansável dos sem direitos

O seu mote: «Nada possuir, nada tomar para si, nada pedir, nada calar e sobretudo não tirar a vida de ninguém». Pedro Casaldáliga espanhol de nascimento, brasileiro de adoção, latinoamericano de honra é uma das personalidades mais representativas da Igreja dos Pobres do Brasil, na América Latina e no mundo. Missionário claretiano, Bispo de São Felix do Araguaia no Mato Grosso, uma terra habitada por indígenas, e só posteriormente encontrada pelos cidadãos do nordeste do Brasil em busca de espaços para cultivar, e depois também pelos latifundiários. É um dos fundadores do *Conselho Indigenista Missionário (CIMI)* e da *Comissão Pastoral da Terra (CPT)* da Igreja brasileira. Pastor da igreja, particularmente empenhado na espiritualidade da libertação, na causa indígena, na problemática da terra e na solidariedade, é um incansável defensor dos pobres, denunciador das injustiças e acusador dos opressores, e por isso mesmo, alvo de calúnias, ofensas e perseguições não só das autoridades civis, mas também religiosas. Por bem cinco vezes a ditadura militar procura expulsá-lo do país, e a sua Prelazia é por quatro vezes alvo das operações militares que atentavam contra sua vida. Mas *Dom Casaldáliga* luta obstinada e tenazmente contra toda forma de injustiça e de opressão, de poder que não leve em conta a dignidade, a liberdade da pessoa. Lúcido nas análises, apaixonado pelo “Reino”, comunicativo e fraterno com o povo, é empenhado na vida cotidiana da comunidade, na relação afetiva com os “companheiros mártires”, no arriscado compromisso que as suas decisões pela justiça sublimam». (*Extraído de: <http://www.amiciguatemala.it/index.html>*)

«Os direitos dos homens são os interesses de Deus em última instância. Somos imagens suas como pessoas, imagens individuais, suas imagens coletivas, como povo. Da opção pelos pobres, restam portanto, os pobres e o Deus libertador dos pobres».

O PORQUÊ DE TERESA

A graça da unidade

Graziella Curti

Diante do mosteiro da Encarnação, em Ávila, eleva-se uma belíssima estátua de Teresa em atitude dinâmica, como quem está a caminho.

Tem na mão esquerda o bastão do peregrino, e seu olhar fixa horizontes longínquos. A estátua é a reprodução plástica daquele termo atribuído pela história a Teresa: Andarilha, viajante.

Realmente, esta mulher, chamada à clausura, soube conjugar, com perfeito equilíbrio, contemplação e ação, casa e negócio, se perder a única finalidade: Deus.

Como Marta e Maria

Madre Rosetta Marchese, na entrega das Constituições renovadas (1982), escreve que a apresentação das virtudes próprias das FMA feita por Dom Bosco, culmina na que hoje chamamos de *graça da unidade*: «... em cada Filha de Maria Auxiliadora deve caminhar lado a lado vida ativa e contemplativa, reproduzindo Marta e Maria, a vida dos Apóstolos e a dos Anjos».

Do mesmo modo, o paradigma escolhido por S. Teresa para descrever tal diálogo de amor operativo é o de Marta e Maria, simbolizando a harmonia entre ação e contemplação. «Acreditem-me, para hospedar o Senhor, tê-lo sempre conosco – escreve – tratá-lo bem e oferecer-lhe a comida, ocorre que Marta e Maria estejam de acordo. De que modo Maria, estando sentada aos seus pés, poderia dar-lhe de comer se sua irmã não a ajudasse? Dá-se de comer ao Senhor quando se faz o possível para ganhar para ele muitas almas, as quais, salvando-se o louvem eternamente». E acrescenta: «Desejemos e pratiquemos a oração não para gozar mas para ter a força de servir o Senhor».

Na verdade, Teresa, ao contrário da exegese tradicional, que considerava Marta de classe B com relação a Maria, exprime seu apreço pela irmã que se industriava para acolher bem Jesus e põe suas virtudes em evidência (humildade, hospitalidade, disponibilidade) indicando-a como exemplo de atenção ao Hóspede Divino. Outro elemento que liga o nosso fundador a Teresa é o senso de profunda liberdade e simplicidade que caracteriza o caminho interior pessoal. A santa carmelita diz que o caminho para a interioridade não pode ser forçado, porque as energias da alma são abordadas suavemente.

Contemplação na ação

Os escritos de Teresa, frequentemente remetem à interioridade. A santa fica muito atenta para que suas filhas considerem Jesus como centro de suas vidas e que predisponham a alma a se tornar sua morada estável. A busca do silêncio e a fidelidade a um tempo estabelecido para os compromissos diretos com o céu são as premissas para a realização da intimidade com o esposo. No entanto, isto comporta muita atenção e responsabilidade.

As realidades concretas da vida cotidiana integram-se no percurso interior de cada pessoa e criam a unidade, do *ora et labora*, que fundamenta a espiritualidade cristã.

Santa Teresa no seu livro *O castelo interior*, quando fala da “sétima morada”, da etapa final, do cume da graça batismal, lá onde se vive a mais intensa transparência do Espírito Santo, descreve aquela experiência:

- como plena unidade de contemplação e de ação,
- como máxima interiorização vinculada com a máxima alteridade.

A conquista da interioridade – observa Teresa – inclui uma maior abertura ao próximo.

Deus amigo

Na sua autobiografia, Teresa afirma: «Para mim, a oração não é senão uma *relação de amizade*, um encontrar-se frequentemente a *tu per tu* com Aquele que, sabemos, nos ama». E em uma carta ao jesuíta Padre Ávila, evidencia: «Quando penso na graça que o Senhor me concede mantendo-me sempre na sua presença, apesar do grande número de coisas que passam pelas minhas mãos, persuado-me sempre mais de que não me perturbarão nem mesmo as cruzes e as perseguições mais graves...» (Cartas 235).

Através das várias fases da sua oração, Teresa tinha conseguido “não deixar à alma outra ocupação senão entreter-se com Aquele que estava presente”.

E não são necessárias tantas palavras.

«Deus e a alma se entendem como dois amigos, sem necessidade de palavras ou de outro sinal externo, que manifeste o afeto recíproco. É um pouco como aqui, quando duas pessoas que se amam muito.... chegam a compreender-se mutuamente sem necessidade de troca de sinais, mas apenas com o olhar». O que importa na oração é estar presente para Deus em profundidade e atenção.

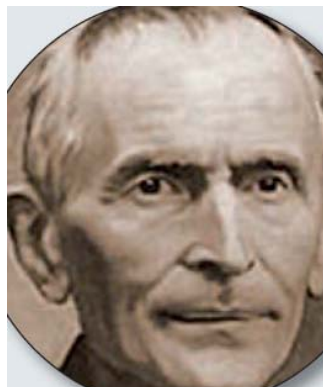
Educadora e mãe?

Na apresentação de sua tese de doutorado sobre *Teresa educadora*. Ir. Sylwia Ciekowska, conclui dizendo: «A relação vertical de Teresa com Deus (as orações) e horizontal com a comunidade (as exortações) sugerem considerá-la como mãe completa, porque de modo coerente educa para rezar, rezando; ensina a amar, amando e demonstra como servir a Igreja servindo-a». Estas palavras nos lembram uma observação que o cardeal Gabriel-Marie Garrone colocou como comentário às cartas de Maria Domingas Mazzarello, que também considera ter as características de educadora e mãe. «Estas cartas – escreve o prelado – nos fazem claramente entender qual é a ténpera de uma maternidade espiritual, quando Deus a inspira. Ela não fala, não discute, apenas vive e comunica a vida».



RAÍZES DE FUTURO

Dom Miguel Rua e o Instituto das FMA



Piera Cavaglià

Estamos apenas no início da pesquisa histórica sobre a relação do primeiro sucessor de Dom Bosco com o Instituto das FMA.

A recente publicação das cartas e das circulares de Dom Rua às FMA e o Convênio internacional realizado em Turim sobre o primeiro sucessor de Dom Bosco em outubro de 2009 oferecem preciosas contribuições sobre a colaboração específica e original dada por ele ao Instituto.

As FMA das primeiras gerações escutaram dele, a viva voz, expressões como esta: «As Filhas de Maria Auxiliadora, onde quer que estejam, merecem e têm todos os meus cuidados. Que parte significativa elas têm nas obras inspiradas de Dom Bosco!» (Carta 11-4-1890).

Sabíamos que estas palavras não eram retórica vazia, mas realidade evidente sob os seus olhos. Dom Rua de fato havia seguido os primeiros passos do Instituto, desde a primeira comunidade de Mornese. Em novembro de 1875, com a partida de Dom Giovanni Cagliero para a Argentina, fora nomeado Diretor geral do Instituto das FMA e no ano seguinte Diretor espiritual do oratório feminino em Valdocco - Turim.

Quando em 1888 foi chamado para dirigir a Congregação salesiana, Dom Rua já possuía um bom conhecimento do Instituto das FMA desde sua fundação.

Dedicou-se por isso com sua típica sabedoria e perspicácia a promover nele o desenvolvimento espiritual, cultural, missionário e a fazer reviver o espírito de Dom Bosco nas relações com as irmãs e com suas educandas nos colégios, oratórios e escolas.

Tratou com solicitude a estrutura organizativa do Instituto, seguiu com discrição e prudência o processo de autonomia jurídica, promoveu a ereção das Inspetorias e levou a sério a formação das educadoras preparando-as para assumir as mudanças histórico-culturais do tempo.

Além da atenção com que seguia as Superiores do Conselho geral e cada irmã, tudo isso é também demonstrado pelas suas cartas circulares, as introduções às deliberações dos Capítulos gerais, a apresentação do Livro de orações e dos primeiros Elencos gerais do Instituto.

Depois daquele ano que é chamado pelos biógrafos de “o ano do luto” pela morte de Dom Bosco, é interessante relevar que Dom Rua realizou a sua primeira viagem fora de Turim dirigindo-se à Casa-mãe das FMA em Nizza Monferrato onde ficou de 31 de maio a 5 de junho de 1888.

Nos 22 anos de governo da Congregação Salesiana (1888-1910), incalculáveis são as visitas de Dom Rua às comunidades de FMA tanto na Itália como no estrangeiro. A última visita à casa de Nizza é datada de 20 de março de 1909. Cada encontro era uma oportunidade de conhecimento e de animação que consolidava os vínculos da família religiosa animada pelo mesmo espírito. Nas visitas às casas das FMA, Dom Rua encontrava-se não só com a comunidade, mas com cada pessoa.

Ele sabia descobrir o vínculo com a profundidade da alma e o seu estilo relacional simples, familiar, discreto, sua capacidade de escuta eram muito apreciados por todas. O respeito e a veneração pelo Superior não impediam a confiança. Numerosas testemunhas FMA sobre Dom Rua, das quais temos a documentação, atestam quão profundas eram a estima e o afeto que nutriam pelo sucessor de Dom Bosco. Por outro lado, também ele cultivava um sincero afeto por elas e, em cada intervenção sua, oral ou escrita, era movido por uma visível tentativa de buscar o bem de todas em nível institucional e individual.

Dom Rua deixou-se interpelar pela industrialização incipiente que envolvia também as mulheres e promoveu a abertura dos pensionatos para as operárias; considerava-os como uma nova missão que o Senhor se dignava confiar às FMA no início do novo século.

Lendo as cartas de Dom Rua é tocante o fato de que, dirigindo-se às FMA, ele sempre traz presente a missão educativa desenvolvida por elas. Alegria-se pelo fecundo trabalho apostólico que levam em frente nas várias nações; envia saudações e mensagens augurais até mesmo às educandas. Mostra-se sempre interessado em aumentar as obras educacionais, antes estimula superiores e irmãs a reforçar as iniciativas e a criatividade. Encoraja as FMA a prover às alunas e às oratorianas, toda ajuda de que têm necessidade para a sua formação humana e cristã e convida a cultivar em todos os ambientes as vocações religiosas.

É convicto de que se as comunidades podem ter uma fisionomia diferente umas das outras, porém devem ter “a mesma marca”, que ele identifica com “a caridade e a alegria” (circular 31-12-1901).

Referindo-se à prática do Sistema preventivo, Dom Rua recomenda criar nos ambientes educativos um clima de caridade: “caridade nas palavras, nas obras, nos afetos”.

É um clima caracterizado pela paciência e pela suavidade de modos, pela criatividade industriosa, pela superação de toda forma de repressão ou de permissividade.

Para a abertura das novas comunidades ou para o incremento das missões, Dom Rua em geral não é diretivo, mas indica com discrição os critérios aos quais devem ater-se.

Recomenda a fidelidade ao espírito de Dom Bosco e convida a preferir as zonas mais difíceis ou de risco, a favorecer as obras populares que podem deter o avanço do secularismo e incrementar a abertura social do Instituto.

Nas intervenções de animação e de governo, Dom Rua favorece a fidelidade ao espírito de Dom Bosco, promove a unidade do Instituto e o senso de pertença a uma grande Família, em um tempo em que era forte o impulso para a expansão nas várias nações e continentes.

Como escreve Dom Pascual Chávez: «Ele que o havia visto nascer e o havia seguido no seu gradual desenvolvimento, cuida dele como herança sagrada deixada por Dom Bosco e lhe infunde com assiduidade a riqueza do próprio pensamento e do próprio coração».

p.cavaglia@cgfma.org

AMOR E VERDADE

Por uma relação de justiça e caridade

Julia Arciniegas, Martha Séide

O amor de Deus tomou rosto e palavra em Jesus de Nazaré. Ele, o Filho que deu sua vida pela humanidade, tornou-se para nós *sabedoria, justiça, santificação e redenção* (1Cor 1, 30). A resposta a este amor de Deus, que nos salva por meio de Jesus Cristo, exprime-se na entrega de nossa vida a Ele no amor e no serviço aos outros. Mas o amor implica uma absoluta exigência de justiça no reconhecimento da dignidade e dos direitos do próximo, enquanto que a justiça encontra a sua plenitude unicamente na caridade, no amor. A encíclica *Caritas in Veritate* reafirma esta relação inseparável como um princípio que deve iluminar a vida das comunidades e de cada pessoa.

Releiamos a Encíclica

- O amor «caritas» força extraordinária, leva o ser humano a empenhar-se com coragem e generosidade no campo da justiça e da paz (n. 1).
- A caridade supera a justiça e a completa na lógica do dom e do perdão (n. 6).
- Querer o *bem comum* e industrializar-se para isso, é *exigência de justiça e caridade* (n. 7).
- Importância do Evangelho para a construção da sociedade segundo a liberdade e a justiça (n. 13).
- A dignidade da pessoa e as exigências da justiça requerem escolhas econômicas (n. 32).

Nós nos perguntamos

- A cultura posmoderna dá grande importância à autorrealização pessoal segundo o imperativo de ser *sempre você mesmo*, contudo, não se preocupa com a busca do sentido. Na comunidade educativa constata-se o empenho para superar o individualismo e dar o primado ao amor que busca justiça e paz para todos?
- A pressão consumista, no sentido mais amplo: consumo das coisas, do tempo, das oportunidades, tende a separar esfera pública e esfera privada, âmbito coletivo e vivência individual. Em que medida está presente esta lacuna em nossa Instituição?
- Existe um apelo recíproco entre o Evangelho e a vida concreta, pessoal e social, individual e comunitária. Que sinais desta unidade profunda, deste empenho de conversão encontramos em nosso ambiente educativo?

Em ação

Alguns passos para tornar operativo o aprofundamento que foi feito:

- A caridade, vivida e testemunhada, permeia a partir de dentro a construção da comunidade segundo o direito e a justiça. *Identifiquemos alguns caminhos para aprofundar a relação justiça-caridade nos nossos relacionamentos interpessoais, comunitários, institucionais, com o território...*
- Ao lado do benefício individual, há um benefício ligado à vivência social das pessoas: o bem comum. É o bem de todos nós, um bem procurado pelas pessoas que fazem parte da comunidade social. *Avaliemos nossa vivência cotidiana nesta ótica e proponhamos algumas iniciativas para reforçar o empenho de todos na busca do bem comum.*
- A realidade atual do mundo obriga-nos a chegar às causas da injustiça, que geram a pobreza e a violência, para empenhar-nos a debelá-las. *Planejemos alguns espaços para uma leitura de fé dos fatos e situações em que Deus nos interpela tanto pessoalmente, como comunitariamente.*

j.arciniegas@cgfma.org
mseide@yahoo.com

Dom Helder Câmara, bispo brasileiro, testemunha de justiça e caridade, recebeu cerca de trinta “honoris causa”, da *Sorbonne ad Harvard*, e cerca de quarenta prêmios internacionais; além disso foi reconhecido como “O artesão da Paz”.

O seu último sonho era o “Jubileu 2000 sem miséria no mundo”. No entanto, infelizmente foi chamado por alguns o “bispo vermelho”. Mas ele dizia: “Quando dou comida aos pobres dizem que sou santo. Quando pergunto por que os pobres não têm alimento, dizem que sou um revolucionário”.

Não preciso do marxismo, creio no Evangelho. Às vezes as pessoas pesam? Traga-as no coração!”

Relações, identidade, santidade

Maria Rossi

O processo de elaboração da identidade pessoal é assinalado sobretudo pela qualidade das relações interpessoais que o indivíduo tece no curso de sua existência. Os estudos e as teorias psicológicas evidenciam como são sumamente importantes as relações que se experimentam com os pais. Mas, como diz um provérbio popular: *dize-me com quem andas e dir-te-ei quem és*, não são menos importantes as relações que a pessoa escolhe entrelaçar na juventude e na idade madura.

Um estudo sobre Santa Teresa d'Ávila, deste ponto de vista, esclareceu-me e fez nascer em mim o desejo de compartilhá-lo com outras/os. Agora *tento* fazê-lo na esperança de não trair uma figura tão poliédrica. Encontrei Teresa nos Anos Sessenta, quando, no exame de Mística, escolhi como trabalho as *Cartas Teresianas*. Ao lê-las, fiquei positivamente surpresa ao captar de que modo, na dinâmica das relações com os confessores, a direção espiritual fosse mais dela que deles. Até então eu pensava que confissão e direção espiritual fossem prerrogativas exclusivamente de padres e de consagrados, isto é, do sexo masculino.

Vinte anos depois, reencontrei Teresa onde não havia pensado encontrá-la. Para aprofundar a questão da identidade feminina, neste tempo de profundas mudanças culturais, eu comecei a frequentar os Seminários de Diotima¹, na Universidade de Verona. Nos Seminários, para minha surpresa, pude acompanhar reflexões e estudos originais sobre a Santa. Os filósofos de Diotima, em particular uma das fundadoras, Luisa Muraro, consideram Teresa d'Ávila um forte ponto de referência. Eles a apresentam como uma mulher que, através das relações e em particular através das relações de amizade com Jesus, consegue ser plenamente ela mesma, elaborar uma identidade pessoal que lhe permite superar os pesados condicionamentos culturais de seu tempo, não se deixar atemorizar e bloquear pela inquisição espanhola e pelas más línguas e estabelecer com os eclesiásticos eruditos e com outros, não relações de dependência como era costume e obrigação para as mulheres, mas relações interpessoais de reciprocidade e algumas vezes também de superioridade.

Em família

Os relacionamentos interpessoais com os pais e familiares são colhidos principalmente no *Livro da Vida*. No relato de Teresa predomina a figura do pai. A mãe, dona Beatriz de Ahumada, de família abastada, havia se casado aos 16 anos e, em seguida, dera à luz 10 filhos. Teresa lembra-se dela como uma mulher muito bonita, mas sofrida e, muitas vezes, doente. Morreu aos 33 anos, quando Teresa tinha 12 anos e, do ponto de vista educacional, é quase ausente. O pai, Dom Alonso Sanchez de Cepeda, tinha com ela um relacionamento de predileção. Ela o atribui ao fato de ter uma índole diferente dos irmãos. Descreve-o como um homem de grande virtude, honesto, generoso, não autoritário, porém mais preocupado com a *honra*, isto é com a reputação, com o juízo das pessoas que com a substância da virtude. Apenas uma vez reagiu fortemente contra a filha. Quando um relacionamento de amizade com um primo punha em risco a reputação da família, o pai a transferiu decididamente, por algum tempo, para a clausura.

Em sua casa não faltavam os livros e a paixão pela leitura. O pai desejava que ela lesse livros de devoção e formativos, enquanto a mãe, para sobreviver às doenças e aos sofrimentos da sua breve vida, preferia ler os de aventura cavaleiresca e permitia que também Teresa o fizesse, mas escondida do pai. O relacionamento com o pai é constante, incisivo na formação e interessante na sua evolução. Teresa aprende muito com ele, responde positivamente ao seu amor de predileção, mas também critica-o pela excessiva preocupação com a *honra*. Quando o pai, avançado em idade, fica cheio de dívidas, o relacionamento se inverte. Ela o segue com amor, não fala da sua

inadequação nos afazeres, mas o introduz na oração mental, passa para ele os livros que lhe são necessários e se compraz com o progresso que ele faz nesta direção. Protege-o.

A relação com o pai, parece conduzir, de certo modo, o tipo de relações que ela instaura com os homens, especialmente os parentes e os religiosos. A relação de amizade com Jesus, unificando-a e dando-lhe a capacidade de colher os verdadeiros valores da vida, confere-lhe força e autoridade para inverter ou pelo menos colocar em discussão, entre outras coisas, também o papel de subordinação social e cultural que a sociedade do seu tempo lhe havia atribuído como mulher.

Interessante neste contexto é a relação que ela gradualmente vai instaurando com seus confessores. Procura-os, precisa deles para discernir quanto a graça de Deus opera nela e assim não se deixar enganar pelo demônio, como então tendia-se a acreditar. Obedece-lhes também quando lhe ordenam o contrário do que lhe pede Jesus na oração. Contudo, depois de ter experimentado o sofrimento e a angústia de ser guiada por confessores sábios mas sem experiência da oração mental entendida como relação “de amizade, um encontrar-se frequentemente a tu per tu com quem sabemos que nos ama”, gradualmente os vai escolhendo dentre aqueles que têm “bom critério e esperança” e talvez também uma boa instrução. Antes de confiar-lhes sua alma, procura-os para uma conversa. Às suas monjas, sugere fazer o mesmo. Teresa sempre advertiu sobre a importância do confronto e da obediência e obedeceu também em situações nas quais não estava de pleno acordo. Mas, a partir de um certo momento, sua obediência será devida a quem não só tem uma certa capacidade de compreendê-la, mas que, depois de tê-la compreendido, a teria considerado também *mãe*, em um certo sentido. E isto aconteceu com o encontro de S. Pedro de Alcantara, Garcia de Toledo, padre Gracian, João da Cruz. É a relação de recíproca interdependência apontada como relação exemplar entre homem e mulher na *Mulieris dignitatem*. E isto em 1500, quando a cultura caminhava na direção oposta. Teresa percebe e, diferentemente de hoje, experimenta medo e angústia, suplica e se declara obediente aos confessores.

Caminho de conversão

O processo para chegar a este ponto é longo e talvez tenha coincidido com o que ela chama período de conversão. O período de conversão poderia, em parte, ser visto como o trabalhoso caminho de elaboração de uma identidade pessoal de mulher insatisfeita com os condicionamentos e com as restrições que a cultura do tempo impõe. Teresa, no Capítulo IX do *Livro da vida* dedicado inteiramente à conversão, descreve como a sua reviravolta espiritual decisiva tenha se consumado mediante o encontro com a imagem de Cristo chagado tendo aos pés Madalena e a leitura das *Confissões* de Santo Agostinho. No encontro com a imagem de Cristo chagado, Teresa irrompe em lágrimas. Sente-se a causa de tanto sofrimento. Prostrada aos seus pés e vencida pelo dinamismo chocante e unificante do amor, consegue aceitar os próprios limites e a impotência das criaturas. Liberta-se das pretensões do eu tirânico e alivia a tensão de não conseguir ser perfeita. Como Madalena, abandona-se ao Amor e fica à espera. A rendição ao Amor unifica-a, a liberta-a, permite-lhe entrar em íntima relação com Deus, abrir-se aos outros, ser fecunda.

O fato de ter instaurado um relacionamento de amizade com Jesus, não só a faz sentir-se amada com predileção, o que a liberta dos medos, mas a impulsiona para os outros. Deste contato com a Fonte da alegria e do amor nasce a decisão da Reforma para que outras, outros possam ter acesso a ela. É uma decisão que lhe causará muita tensão, problemas de todo tipo, incompreensões. Mas a relação com Deus, permitindo atingir a dimensão mais alta da plenitude humana, coloca as pessoas em um irresistível movimento de amor. Quem o experimenta não pode conter-se e tudo faz para que outras/os possam gozar dele.

Depois da conversão, Teresa depõe o fardo da contabilidade dos pecados, das boas ações e dos santos propósitos. O contato com a própria Fonte do amor e da alegria, unifica-a e a põe em contato com a capacidade de infinito, dilata-a e a empurra para os outros, num movimento espontâneo. A mensagem que Teresa dá às irmãs e também a nós é a possibilidade de viver a aventura espiritual de uma história de amor fecundo, mesmo entre as quatro paredes do convento ou da escola ou do pátio, onde se consumam jornadas aparentemente iguais.

Teresa fica um pouco em continuidade com a Madalena como pecadora penitente mas especialmente pela sua amizade com Jesus e pela sua capacidade de “colocar tudo sob os pés”.

Incentivada pelo amor, Madalena ousou infringir a lei que lhe vetava entrar onde não era convidada e tocar e enxugar os pés de Jesus com os cabelos (com o que se acreditava mais impuro), não temer as críticas de quem acreditava ser puro porque *observante*. Alcançar Jesus, tornar-se sua amiga, significava para ela não só voltar as costas ao pecado, mas sobretudo àquele mundo que a queria fixar com duros pregos a uma imagem deteriorada de si mesma. Em termos invertidos, o mesmo se aplica a Teresa. Quando ela percebe que alguns comportamentos, socialmente aceitos, fazem dela uma monja de sucesso dentro do convento, mas constituem obstáculo a uma verdadeira e profunda relação com o divino e com a realidade do seu ser, volta as costas para esta percepção de si. Para ambas, o encontro e a relação com Jesus torna-se possível no momento em que, colocando-se livremente na presença do Eterno, reconhecem que somente a Ele pertence o direito de construir a sua nova e plena identidade. Poderia ser assim também para nós; talvez, já o seja.

rossi_maria@libero.it

¹ Diotima é uma Comunidade filosófica feminina, constituída junto à Universidade de Verona. É formada por docentes universitárias, mulheres muito secularizadas, algumas crentes, mas não praticantes. Elas aprofundam o problema da identidade e da diferença sexual do ponto de vista filosófico e depois, nos Seminários anuais, oferecem o fruto da suas reflexões ao público interessado. Parte da minha reflexão baseia-se sobre o que pude colher nestes estudos

ENCARTE DMA

CAMINHAR, CORRER, VOAR...

Um romance sobre a fadiga de crescer.

Asja e Maria, duas adolescentes de catorze anos diferentes como o dia e a noite, em busca da própria identidade.

Asja

Desde menina, nos dias de chuva, brincava de inventar seu pai...

Na casa não havia vozes festivas para acolhê-la, nem a merenda sobre a mesa. Só o silêncio e a escuridão do inverno. O medo fazia-lhe companhia, estava sentado ao seu lado... finalmente o rumor da porta, e o seu coração disparava. Também naquele dia sua mãe havia retornado.

Maria

Fechada no seu quarto, Maria abre a porta do armário e se olha no espelho.

Observa aquela imagem como se fosse um inimigo desconhecido.

Nos últimos meses o seu corpo mudara tão depressa que quase não se reconheceu. Uma baleia! Têm razão Asja e as outras: ela parece realmente uma baleia.

TEMA: EU TENHO VINTE ANOS

Maria

Eu gostaria de abrir uma loja de flores. As flores me são sempre agradáveis porque acompanham as pessoas nos momentos importantes da vida, tornam-nas felizes nos momentos belos e as consolam nos tempos maus. E então, à minha loja poderão levar as plantas que estão doentes, porque elas são como as pessoas, devem ser amadas e cuidadas... eu, com vinte anos, vejo-me livre dirigindo um carro conversível.

Asja

Eu tenho vinte anos terei trinta e cinco como minha mãe e não quero chegar a ser como ela, pois, ainda é jovem mas parece velha. Minha mãe sofre de uma doença muito feia chamada depressão. A depressão tira-lhe a vontade de viver... o que quero dizer é que aos trinta e cinco anos eu serei como sou agora... não perderei a vontade de viver.

Textos extraídos de Sabrina Rondinelli,
Camminare, correre, volare,
San Dorling della Valle (Trieste)
Edição EL 2008.

CULTURAS

O mito: a busca da terra sem males

Aos cuidados de Mara Borsi

Os Guaranis são um grande povo que se desenvolveu em torno do *Aquífero Guaraní* (grande reserva subterrânea de água doce) e se espalhou por toda a América do Sul e Caribe. Realmente, quando os Espanhois desembarcaram nas Antilhas contaram que haviam encontrado um povo de nome *Carios*; o mesmo povo que reencontraram mais tarde em Assunção, Paraguai.

A narrativa histórica deste antigo povo afirma que Guaraní e Tupi eram dois irmãos; a família deles crescia tanto que o lugar onde moravam foi ficando cada vez menor, por isso os dois irmãos tomaram a decisão de se separar. Tupi foi com sua família para o Norte e Guaraní ficou no Sul.

De geração em geração é transmitido o mito originário deste povo que explica a profundidade de sua alma. O mito fala de dois irmãos gêmeos que ficaram órfãos por causa do assassinato da mãe. Os dois gêmeos roubados da mãe pelo maligno serviram o mal por um longo período de tempo até encontrar o corpo sepultado da sua verdadeira mãe.

Aquela descoberta dolorosa fez com que os dois irmãos se lembrassem das próprias raízes e começassem a procurar a sua verdadeira casa: *a terra sem males*.

No caminho de volta para a casa do Pai procuraram vencer o mal de todo jeito; nas suas andanças sem fim tomavam o alimento que obtinham, mas pensavam também naqueles que viriam depois deles, assim deixavam sempre alguma coisa aos viandantes que os sucediam na estrada. Este mito de fundação explica o contínuo peregrinar dos Guaranis por toda a América do Sul em "*busca da terra sem males*".

Entrevista com Blanca Selva Ruiz Diaz Gamba

Sou do Paraguai, FMA da Inspeção São Rafael Arcanjo. Trabalhei nove anos em uma região de missão com aborígenes e paraguaios do departamento do Alto Paraguai-Chaco, na escola-internato Monsenhor Alejo Obelar de ñu Apu'a. Antes de vir a Roma estive na casa São José como enfermeira das irmãs idosas por um ano e ao mesmo tempo trabalhei com a Pastoral Juvenil.

Quais são os valores da sua cultura que você mais aprecia?

Em primeiro lugar a língua Guaraní. Ela nos põe em relação com os nossos antepassados, nos dá o sentido do nosso ser, porquanto toda língua exprime uma cosmovisão própria. Os paraguaios sentem, imaginam, refletem e se exprimem mais e melhor em Guaraní. Por isso é a língua oficial

do Paraguai junto ao Espanhol. Outro valor é o amor à natureza. O meu povo luta pela terra, para que não seja explorada e poluída, sente-se parte dela, defende-a das empresas que derrubam as florestas e compram por preço irrisório, deixando sem terra tantos camponeses. Os paraguaios com frequência encontram Deus na natureza e também o sentido da vida ao serviço dos outros. O sentido do Nós, “ñande” e do Outro “Ore” são valores que sempre foram cultivados na cultura paraguaia. Eles nos ajudam a unir-nos como “jopoi”, povo, vivendo proximamente, ficando ao lado dos necessitados, compartilhando tristezas e alegrias, avançando juntos, abrindo novos caminhos. O “ñande” Nós, significa sentir-se oriundos de uma mesma raiz que convida a caminhar juntos, ouvir atentamente para pronunciar a melhor palavra e escolher o caminho a ser seguido. Outro valor que me atrai muito é “a busca da terra sem males”. Herança milenária, que nos deixaram os Guaranis e que a cada ano relembramos nas celebrações que nos incentivam a prosseguir com o desejo de chegar à casa do Pai. Acompanha-nos na caminhada, a Virgem de Caupê “ñande sy marane’y” isto é, “Nossa mãe sem mal”.

Vivendo em um ambiente internacional, o que você mais aprecia nas outras culturas?

Estou fazendo uma experiência muito rica em nível pessoal. A relação com pessoas de outras culturas estimula-me a crescer na abertura ao outro tão diferente de mim, a descobrir um mundo diverso do meu, a exercitar o respeito e a escuta.

Toda beleza que cada pessoa exprime é um dom para os demais, por isso gosto de dialogar, conhecer, admirar e aprender com os modos diferentes de ser. Acho muito interessante encontrar semelhanças e diferenças entre as culturas e compreender o sentido das origens, onde sempre se vislumbra Deus com manifestações tão bonitas que jamais se poderia imaginar. Tudo isso me ajuda a conhecer mais em profundidade, a colocar em prática a sabedoria do meu povo, os Guaranis, a abrir-me à sabedoria de outros povos. Cada cultura é um mundo de surpresas e modos de tecer o saber e o sentir, mas o belo é que sempre existe um fio condutor comum que nos une.

Ao encontrar pessoas de outros Países e culturas que dificuldades você experimenta?

Creio que as dificuldades que encontro também podem ser encontradas em outros contextos: os preconceitos culturais, isto é, as ideias exageradas e errôneas que fazemos dos outros; os rótulos que colocamos em cada cultura: antes, durante e depois do relacionamento. Parece-me que ainda há muito caminho a ser feito sobretudo relativamente ao diálogo e à compreensão recíproca entre ocidente e oriente, entre norte e sul do mundo. Temos necessidade de abrir-nos continuamente, unir mente e coração para caminhar juntos. Dou mil graças por esta oportunidade, não só para mim, mas também para nós “ñande”, isto é, para o povo paraguaio.

PASTORALMENTE

Aprender juntos



Mara Borsi

A demanda de formação, continua a ser viva e urgente. Quem planeja formação para os educadores percebe que não basta propor conteúdos sobre os temas da atualidade: crise antropológica, cultura e linguagens juvenis, ciência e fé... Sente-se a necessidade de utilizar metodologias que envolvam as pessoas às quais é dirigida a proposta formativa para evitar tédio, cansaço e falta de eficácia.

Educar implica a disponibilidade para cuidar do outro e supõe disposições éticas especiais como saber ler nas expressões do rosto e na palavra do outro o seu pedido de ajuda e estar prontos

para tentar responder a este apelo, pondo em jogo os próprios recursos espirituais, culturais e profissionais. Em cada prática humana desafiadora, como a educativa, emergem duas condições de fundo para afrontá-la de maneira válida e produtiva: uma clara visão da finalidade a ser atingida e uma percepção atenta e pontual da situação concreta a ser enfrentada. Se a primeira condição implica uma visão consciente da finalidade educativa a ser privilegiada, a segunda comporta um atento reconhecimento das condições de vida das novas gerações e de suas necessidades mais urgentes. Na base desta competência educativa, para que não permaneça apenas o potencial mas seja efetivamente exercida, deve estar fortemente arraigado o desejo de responder ao apelo de ajuda que provém de crianças, pré-adolescentes, adolescentes, jovens. Michele Pellerey em um recente estudo afirma que para promover a competência educativa ocorre em primeiro lugar alimentar o amor pelas jovens gerações, isto é, querer o seu bem, e isto não em sentido genérico e meramente sentimental, mas concreto, de fato. Por isso os educadores são chamados a adquirir uma base de conhecimentos e habilidades de natureza exploratória e interpretativa para atender à demanda educativa que os indivíduos e os grupos trazem no seu profundo.

Refletir

No contexto de uma cultura fragmentada, individualista e plural é decisivo favorecer a reflexão àqueles que se ocupam com a educação. A reflexividade é uma exigência central da ação educativa e de toda metodologia formativa dos educadores. Ela está ligada à capacidade de modificar a ação para adaptá-la às circunstâncias específicas e aos interlocutores. Trata-se de promover e de apoiar através da formação uma conversa reflexiva individual e em grupo sobre a experiência em ato, uma conversa caracterizada por uma leitura interpretativa e problematizadora dos dados de fato, que ponha em relação a experiência e o conhecimento pregresso e a situação emergente para prever a realização de uma ação que responda ao apelo presente. No contexto contemporâneo está-se afirmando como modalidade formativa *a comunidade de prática*: uma experiência formativa centrada na reflexão, no envolvimento e na participação.

Novas modalidades

As comunidades de prática são grupos que se formam para encontrar respostas comuns a problemas inerentes ao exercício do próprio trabalho. Elas aparecem caracterizadas pela espontaneidade, por poder gerar aprendizagem organizacional e por favorecer processos de identificação. Os membros de uma *comunidade de prática* compartilham modalidades de ação e de interpretação da realidade e constituem, no seu conjunto, uma organização informal dentro de organizações formais mais amplas, articuladas e complexas. Os participantes das atividades desta comunidade ampliam, com sua contribuição, o senso de identidade profissional e criam uma rede que pode induzir processos reais de renovação. *As comunidades de prática* são realmente um recurso eficaz para a atualização das competências profissionais. A eficácia deriva do fato de que os conteúdos discutidos nas comunidades satisfazem exigências de operacionalização, tempestividade e contextualização da aprendizagem. Através das atividades conduzidas no âmbito da *comunidade de prática* constrói-se ao longo do tempo, um repertório compartilhado de recursos, elabora-se uma linguagem comum, estilos de ações convergentes, criam-se modalidades comuns recorrentes de pensar e de agir (rotina). Quem aceita entrar e fazer parte de uma *comunidade de prática* oferece a sua contribuição pessoal para realizar um empreendimento comum. Compartilhando na comunidade pensamento e ação, assumem-se novos modelos de interpretação da realidade e estruturam-se práxis inéditas, que se alimentam desta contribuição criativa individual, mas de tal modo a poder modificar pensamentos e ações de toda a comunidade, e que têm por isso mesmo um forte potencial inovador. Cada membro, utilizando o que foi colocado à disposição pelos outros participantes, pode elaborar percursos próprios de busca e de aprofundamento e processos de "auto-aprendizagem", pode pedir a ajuda dos outros membros da comunidade para alcançar alguns objetivos. Quem administra uma *comunidade de prática* é chamado a facilitar e a articular as atividades de comunicação, negociação e documentação com instrumentos que promovam sistemas relacionais de tipo reticular. Deste

modo os processos de aprendizagem colaborativa reduzem, em nível formativo, o uso continuado do perito. Dom Bosco confrontou-se eficazmente com o pensamento pedagógico do seu tempo, assim também hoje, as comunidades educativas são chamadas a confrontar-se com diversos modelos e propostas para tornar eficaz a atividade formativa. As *comunidades de prática* são sem dúvida um ótimo estímulo para uma progressiva melhoria da ação.

mara@cgfma.org

MULHERES NO CONTEXTO

Mãos impregnadas de justiça

Paola Pignatelli, Bernadette Sangma

É muito comum ver o ícone da mulher de olhos vendados, com a balança numa das mãos e a espada na outra para simbolizar a Justiça.

É questionador o fato de que as figuras representando a justiça sejam sempre femininas mesmo se, na realidade, a administração desta Virtude foi por séculos e continua a ser ainda hoje, um domínio masculino. Tentando encontrar no binômio a relação entre *mulher e justiça* a partir da experiência da vida cotidiana, poder-se-ia considerar quantas vezes e em todas as culturas e contextos do mundo, a justiça lhes é negada e, todavia, as mulheres estão cada vez mais envolvidas na luta pela justiça não só a respeito delas mesmas, para a sociedade como um todo.

Susan Moller Okin no seu livro, *"As mulheres e a justiça. A família como problema político"*, afirma que «não é criando guetos de proteção para as mulheres, ou atribuindo-lhes vantagens imerecidas na vida pública, mas somente eliminando a injustiça do mundo privado – isto é, tornando-a uma questão a ser resolvida politicamente – é que será possível realizar uma justiça nem masculina, nem feminina, mas humanista».

Ir. Estrella Castalone, FMA das Filipinas trabalhou durante seis anos como secretária executiva da Associação das Superiores Maiores das Filipinas (AMRSP). Com esta responsabilidade foi protagonista audaz na defesa da justiça denunciando as corrupções e as injustiças das instituições governamentais. O conselho executivo da AMRSP afirma: «Graças à capacidade de Ir. Estrella de dar uma resposta corajosa à situação, o papel profético da AMRSP foi evidente e efetivo na promoção da consciência moral do povo, nunca antes acontecido». A Associação sustentou a causa dos camponeses aos quais fora negada justiça com uma reforma agrária jamais concluída; esteve ao lado da população indígena evacuada e afastada da sua própria terra pelo governo em acordo com as companhias mineradoras internacionais e dos migrantes vítimas da migração irregular e ilegal.

Entre as atividades é importante lembrar o *"Sanctuary Program"* da AMRSP, programa de proteção à vida pelas testemunhas que lutam contra a injustiça e a corrupção, do qual Ir. Estrella foi responsável. Houve um caso em que, por razões de segurança, quatro irmãos tiveram de se mudar a cada duas semanas e cerca de vinte congregações ofereceram refúgio, dentre elas também as FMA.

Num outro caso de ameaça à vida, onze irmãs de três congregações femininas ofereceram acompanhamento e proteção através de uma denúncia na mídia e o testemunho no Senado. A proteção da vida desta pessoa viu duas religiosas alternar-se dia e noite no cárcere por 10 dias!

Num comunicado de imprensa em 2009, a AMRSP afirmou: «Sentimos a mão de Deus nas lutas da nossa gente [...]. Com coragem renovada, confirmamos o nosso empenho de continuar a ser voz de quem não tem voz, companheiras dos que foram explorados, para nos tornar testemunhas vivas da verdade, da justiça e da paz»

Marila Nsunda Nimi, jovem Advogada de Turim, é outra “personagem ativa” que dá gosto! Testemunha da riqueza mestiça: mãe italiana e pai congolês, provavelmente experimentou na própria pele, o caminho fatigante do respeito e da integração, do reconhecimento do próprio valor, por parte de uma sociedade míope e desconfiada de toda forma de diferença, até escolher a advocacia como missão.

Mesmo tendo uma formação completa, do direito civil ao penal, suas origens levam-na a apaixonar-se pelo direito dos imigrantes e, mais particularmente, pela problemática relativa à integração dos estrangeiros na realidade italiana.

Solicitada por nós, disse: «A minha experiência na questão “mulheres e justiça” levou-me muitas vezes a presenciar gravíssimas injustiças, em particular contra as mulheres imigrantes. Na maioria das vezes, de fato, a mulher imigrante entra na Itália graças ao reagrupamento familiar, de modo que, para todos os efeitos, a sua condição depende do marido que a mantém e lhe dá garantia. A situação de submissão da mulher ao homem, típica em muitas etnias, juntamente com a carência normativa do nosso sistema que comumente não reconhece, por exemplo, à mulher maltratada, rejeitada, poder ficar “autonomamente” lá onde a própria permanência esteja ligada à do marido, causam um gravíssimo dano a esta figura, que, exatamente por tal razão, muitas vezes desiste de fazer valer os próprios direitos e/ou denunciar as violências que sofre, também no cotidiano. Por estas razões entendo que, em primeiro lugar, a mulher imigrante deva integrar-se procurando um trabalho e aprendendo a língua, sem privar-se – como algumas vezes acontece – da própria identidade e contentar-se com aquilo que lhe oferece o próprio marido».

Como as FMA impregnam de justiça os dias da vida?

*paolapignatelli@hotmail.com
b.sangma@cgfma.org*

PALAVRAS-CHAVE

A Vocação Ecumênica

Bruna Grassini



“Santidade, os dias que passamos juntos fizeram nascer no nosso coração sentimentos de profunda alegria espiritual... Sentimo-nos em comunhão de amor e de esperança, unidos na mesma caridade.

A presença e as palavras de Vossa Santidade nos enriqueceram e sobretudo nos consolaram. É um dever do coração, para nós, expressar nosso grande reconhecimento a Deus pelos momentos que nos concedeu de compartilhar, na oração e no louvor à Trindade Santa, o diálogo fraterno, e os vínculos afetivos que vão crescer como fortemente auspiciamos”.

***Card. Carlo Maria Martini à SS. Bartolomeu I,
Patriarca Ecumênico de Constantinopla, Milão: 9-6-1997***

O Espírito Santo que desceu sobre os Apóstolos reunidos no Cenáculo, chamou todos à Unidade: “abrindo os corações de todos ao amor, à verdade, colocou a pedra angular da Igreja”.

Mas o esforço ecumênico supõe oração, esperança, realismo diante das dificuldades e obstáculos que inevitavelmente encontram-se no caminho da reconciliação. “O pluralismo religioso, dizia o Card. Martini, é hoje um desafio para todas as religiões, se não se quer repetir velhos e

novos desencontros... Mas a questão da unidade deve inquietar-nos, deve arder dentro de nós". O Papa João Paulo II, fiel à escuta ao Espírito, empenhou de modo "irreversível" a Igreja Católica a tomar o caminho do ecumenismo. A oração de Jesus chega a todos, tanto no oriente como no ocidente. É um imperativo que se impõe para superar as divisões.

O Papa Bento XVI nos exorta a criar espaços de encontro, de fraternidade, em um clima de confiança recíproca. A confiança supera as nossas divisões, "conscientes de que as raízes comuns acham-se em um nível muito mais profundo que a das nossas divisões". É certo que o ecumenismo não divide, mas ao contrário nos une na fé comum no único Deus, no único Batismo e na única Igreja.

grassini@libero.it

CARA A CARA

Comunicar em Comunidade - Lucy Roces

No momento do abraço da paz, Ir. Tensa fecha os olhos e une as mãos "em oração profunda". Na noite anterior, porém, discutira com Ir. Contraria, sua vizinha de banco. Ir. Devota é sempre pontual na capela, é mais certinha do que qualquer monja de clausura. Porém, assim que sai dali resmunga porque tal irmã leu muito depressa, a outra está com a roupa muito curta. Ir. Angélica sorri sempre com muita doçura e tem uma boa palavra para cada irmã estudante. Transmite um grande amor a Deus e uma garota fica interessada em se tornar irmã.

A palavra "Comunicação" deriva do latim *communicare*, e através da terminação – *atio*, determina a palavra *communicatio*, literalmente *colocada em comum*. O termo grego antigo *koinonia* designava o conceito de comunidade e foi absorvido pelo latim através da palavra *communio* isto é, sociedade/comunidade. O valor fundamental do adjetivo latino *communis*, que está na base do verbo *comunicar*, é a reciprocidade. Estas três palavras compartilhando a mesma raiz estão entrelaçadas: comunicação, comunhão, comunidade. Para nós mulheres consagradas, se faltar uma delas, faltarão as outras duas.

Nas comunidades, comunicar bem é um poderoso meio para uma vida psicologicamente saudável, um apoio mútuo, um crescimento pessoal, e um testemunho vocacional. A falta da verdadeira comunicação nas comunidades impede as boas relações. Deus não se limitou a dar ao homem informações sobre si nem normas de comportamento, mas estabeleceu uma relação que, mediante a comunicação, gera a comunhão.

Desde os inícios

Para Madre Mazzarello a comunicação não podia separar-se das relações. O seu modo de comunicar criava um clima familiar de sereno relacionamento. Madre Antônia Colombo confirmou isto quando escreveu sobre a primeira Casa das FMA: «Onde nasceu aquele *espírito de Mornese* que, queremos, caracterize também hoje o perfil de todas as nossas comunidades [com seu] estilo de relações simples e profundas – arraigadas no amor a Jesus – que Maria Domingas soube promover e animar entre as pessoas que a habitavam: irmãs e leigas, adolescentes e jovens em formação, Salesianos e familiares».

Com as nossas atitudes continuamente comunicamos algo de nós mesmos aos outros e criamos o ambiente.

As palavras são irreversíveis

Madre Teresa disse: «As palavras gentis são breves e fáceis de dizer, mas a sua repercussão é eterna». Sabemos que as nossas palavras podem curar e gerar a unidade, ou podem ser cortantes. Também Dom Bosco foi muito claro sobre as boas conversas em comunidade. Na sua

carta de 1884 escreve: «Uma coisa que prejudica muito as comunidades religiosas é a murmuração, frontalmente oposta à caridade.[...] Evitai referir à companheira o mal que outros disseram dela, pois algumas vezes nascem distúrbios e rancores tais que duram por meses e anos. [...] Se ouvís coisas contra qualquer pessoa, praticai aquilo que diz o Espírito Santo: "Ouviste uma palavra contra o teu próximo? Deixa-a morrer em ti"».

Os gestos falam

Sabemos que os gestos, as expressões do rosto, os olhos, exprimem nossos sentimentos mais que nossas palavras. No filme "A Ilha – Ostrov" o monge Anatolij pergunta ao seu confrade Padre Iov: "Quando eu morrer, tu me chorarás?" Padre Iov olha para ele e deixa o local, batendo a porta. Não havia necessidade de palavras. Os incentivos motivacionais, o relacionamento respeitoso e a simpatia sensibilizam as pessoas, e podem ter mais força do que uma campanha publicitária milionária.

Você pode me ouvir?

Um bom comunicador deveria ser antes de tudo, um bom escutador. Um "coração que escuta" resume "toda a visão cristã do homem", sublinhou Bento XVI no final dos Exercícios Espirituais deste ano. «O homem não é perfeito mesmo em si, o homem tem necessidade do relacionamento, é um ser relacional.[...] Tem necessidade da escuta, da escuta do outro, sobretudo do Outro com maiúsculo, de Deus».

A escuta, evidenciou o Papa, não pode prescindir de uma dimensão comunitária. «Isoladamente não podemos escutar realmente a Palavra: mas sim, no *nós da Igreja*, no *nós da comunhão* dos santos». Numa carta à Ir. Ângela Vallese, diretora da casa de Villa Colón (Uruguai), Madre Mazzarello escreve: «Falai pouco, pouquíssimo com as criaturas e ao invés, falai muito com o Senhor, Ele vos fará verdadeiramente sábias». Eis o segredo da escuta: educar-se ao silêncio, o grande aliado da palavra e do diálogo.

No DNA comunitário

Temos em nossas comunidades sãs tradições que favorecem um ambiente comunicativo: a "boa noite", o colóquio mensal, os encontros pessoais fraternos, as conferências, os passeios, o recreio. Porém, para a comunicação cara-a-cara com frequência se sobrepõe a comunicação através das tecnologias. Seria uma boa prática examinar a nossa comunicação comunitária: é excelente, transitória, rotineira, superficial, medíocre? Há momentos de distensão, de diálogo, de recreação em comunidade? Conversamos cara-a-cara e coração a coração na comunidade?

amministratoreweb@cgfma.org

Smartphone

Toma o teu velho celular, a tua rubrica, o bloco para os apontamentos, a câmera digital, a vídeo-câmera, o leitor MP3, o dispositivo GPS, uma centena de aplicações, e-mail, uma tela de toque, acesso à internet sem fio, um teclado. Agora, experimenta fundi-los todos juntos e terás o smartphone, uma das últimas novidades tecnológicas. Com efeito o teu celular já contém estas características, mas o que distingue o smartphone do celular comum é que tem um sistema operacional móvel e a possibilidade de sincronizar os teus e-mails e os documentos com o computador, fazendo deste uma estação móvel de trabalho. Pode-se pensar no smartphone como uma miniatura de computador através do qual se fazem e se recebem telefonemas. É interessante porém, que enquanto o mercado nos inunda de smartphones novos, muita gente ainda prefere o celular.

COMUNICAR A FÉ

PasCom: Pastoral da Comunicação



Claudio Pighin

«A comunicação entre as pessoas acontece em uma relação de diálogo: por isso é bem mais que uma simples passagem de informações. Pressupõe produção, emissão e recebimento de mensagens. Exige além disso o conhecimento compartilhado de uma situação social e a compreensão da linguagem e da mensagem entre aqueles que estão envolvidos. Quando duas pessoas se encontram pela primeira vez, utilizam códigos e canais diferentes, próprios de cada uma: por isso não interagem realmente e, não podendo fazer uma troca eficaz de mensagens, não se efetua uma verdadeira comunicação». Assim se expressou a Conferência Episcopal Brasileira por ocasião da Campanha da Fraternidade de 1989, cujo tema era exatamente *"Comunicação e fraternidade"*.

A comunicação é, sem dúvida, tão importante na vida das pessoas, tornando-se parte essencial, promovendo processos relacionais tanto pessoais quanto sociais e eclesiais. Aqueles que conseguem comunicar-se bem são mais felizes, porquanto chegam a fazer verdadeiras experiências de vida e a aprender com quem lhe está ao lado. Na verdade, ninguém consegue ser feliz sozinho: por isso o ato de se comunicar é fundamental na vida e merece todo o nosso empenho para que se torne eficaz.

Hoje em dia estamos literalmente bombardeados por centenas ou talvez milhares de informações; somos objeto de disputa entre os inúmeros meios de comunicação que querem garantir sua *audiência*, mas este rio de dados não consegue dar sentido à nossa vida. Somente uma verdadeira comunicação, que vá muito além da simples mídia e que envolva um processo formativo e reflexivo, é capaz de evitar a *"não comunicação"*. O dever de todos os comunicadores é dizer sempre a verdade, apesar de ser dura e provocar reações desfavoráveis. É esta a postura verdadeira que ajudará a mudar o mundo, livrando-nos da escravidão: somos todos chamados a assumir a vocação do profeta.

Como organizar a PasCom?

Creio que o primeiro passo a ser dado é a identificação das pessoas apaixonadas que desejam valorizar a comunicação e que têm talento para dedicar-se a este setor. Em seguida, formado o grupo da PasCom, é necessário ter um lugar equipado com um mínimo de aparelhos, onde se possa reunir para codificar e decodificar informações e mensagens. É fundamental reunir-se com uma certa frequência para planejar as atividades da Pastoral, que devem estar sempre em sintonia com as atividades eclesiais. O importante é que cada membro da equipe se integre perfeitamente com os demais e dê o melhor de si mesmo, evitando atitudes individualistas ou desejos de "subir na cátedra" para se fazer notar. Os componentes do grupo, respeitando e valorizando a capacidade de cada um, deverão distribuir os papéis para tornar a PasCom mais ágil e eficaz. Estas tarefas são, por exemplo: a função de coordenador, a de portavoz, de responsável da área de informática, responsável das informações, das produções audiovisuais, das celebrações de eventos ou momentos litúrgicos (para valorizar a dimensão da comunicação no âmbito da Igreja particular e mundial), responsável pelo marketing religioso, e muitos outros.

Para que cada encargo possa ser assumido com plena responsabilidade, cada participante não poderá considerar o seu dever como um simples serviço revestido de um certo profissionalismo: deverá alimentar-se continuamente da Palavra de Deus e do Magistério da Igreja para responder a uma ética que caracterize o verdadeiro comunicador. É portanto fundamental estar em sintonia

com todas as outras atividades pastorais, com os bispos, os sacerdotes e os líderes, para poder garantir e apoiar a verdadeira vocação da Igreja.

Uma formação técnica atualizada não pode faltar neste percurso eclesial, a fim de que a atividade da Pastoral seja mais penetrante e incisiva, e apta a enfrentar os desafios da comunicação contemporânea. A PasCom deve estar atenta aos sinais dos tempos e aos eventos que marcam a história da humanidade, ajudando deste modo a Igreja a ser sempre mais presença e mestra de vida.

Finalmente gostaria de insistir que a PasCom tem a vocação fundamental de ajudar o povo, sobretudo os jovens, a adquirir uma capacidade crítica a respeito das mensagens que recebem através dos grandes meios de comunicação. Hoje mais que nunca alertamos para esta urgência de resgatar a liberdade dos filhos de Deus da manipulação midiática. Lembro-me que há alguns anos, durante um curso com os jovens do Estado do Amapá (Brasil), no final da análise de um capítulo da telenovela transmitida pela televisão brasileira, uma garota levantou-se e disse *"caíram-me as escamas dos olhos e começo a ver e a compreender o que querem me dizer verdadeiramente. Eu não teria sido capaz antes de fazer isso e certamente jamais teria colhido certos detalhes que agora percebo. Limitava-me somente a apreciar"*.

Tudo isso na realidade não acontece de improviso: é preciso tempo, estudo e decisão. E a PasCom pode ajudar-nos.



VÍDEO – por Mariolina Parenteler

WELCOME – de Philippe Lioret – França 2009

«Um filme terrivelmente belo, vencedor em Berlim, premiado pelo Parlamento Europeu, campeão de bilheteria na França, onde influenciou o debate político sobre a imigração clandestina» - escreve um jornal italiano. Da história à crônica, o passo é breve. Com a lei 622/1 Sarkozy introduziu o crime de imigração ilegal que pune com cinco anos de reclusão os cidadãos franceses que ajudam os clandestinos. De acordo com este artigo, chegou-se, na França, a colocar sob investigação a organização humanitária Emaús, a interrogar por 9 horas uma dona de casa de 59 anos, culpada de haver recarregado o celular de 9 clandestinos. Welcome narra este inferno com uma história de amizade entre Bilal e Simon, postos diante da necessidade de atravessar o

Canal da Mancha, um mar que separa os mundos possíveis. Bilal é um jovem curdo de dezessete anos, que percorreu 4000 km antes de chegar a Calais, decidido a perseguir os seus sonhos e o seu amor, desafiando todo obstáculo para chegar à Inglaterra. Simon é um homem de meia idade, com sombras de sofrimento nos olhos, que não foi capaz de atravessar a estrada para alcançar o coração da mulher da qual fazia pouco tempo havia se separado. Entrando em contato, nasce entre eles um movimento muito humano e paterno que diminui “com braçadas” as distâncias entre as partes, e se deslancha em uma obra esplêndida, de imensa habilidade estilística, intensíssima e lírica mas também de inequívoca denúncia limpidamente realística. A França respondeu com mais de 10 milhões, e o governo precisou tomar consciência do seu modo de agir e das suas escolhas. Uma espécie de revolta popular passada no cinema. Pode bastar?

Contra a barbárie das consciências

«O projeto de Welcome nasce da forte atração que experimentei subitamente por este particular assunto, dedicado a homens fugindo dos próprios países de origem e determinados a alcançar aquele Eldorado que a Inglaterra representa aos seus olhos» – explica o diretor. Depois de uma viagem inenarrável encontram-se barrados em Calais – frustrados, maltratados e humilhados – a poucos quilômetros da costa da Inglaterra, que conseguem até ver de longe. Preferiu começar com a busca no campo. Junto com Courcol – amigo co-autor – entra em contato com as organizações sem fins lucrativos que fazem o possível para ajudar estas pessoas e parte para Calais. Por longos dias de um inverno gelado seguem os voluntários destas organizações, entrando em contato com a vida real dos refugiados: a “selva” onde encontram abrigo, o bulício das extorsões dos contrabandistas, as intermináveis perseguições da polícia, os centros de detenção, o contínuo controle dos caminhões onde estão amontoados para conseguir embarcar e onde arriscam a vida para fugir das inspeções... «O que mais nos surpreendeu foi a idade dos refugiados – acrescenta. O mais velho não tinha vinte e cinco anos. Quando falamos com Silvie Copyans da organização Salam, soubemos que muitos deles, em tentativa extrema, experimentaram atravessar o Canal da Mancha a nado. Enquanto voltávamos a Paris, as nossas mentes estavam tão presas ao que havíamos visto que no carro não trocamos uma palavra... mas naquele silêncio nasceu do coração de ambos o filme todo – ou quase todo». Tal como no Cartaz, abre-se sobre um mar de água escura e uma faixa de areia que se estende ao infinito sob o olhar triste de uma fronteira de nevoeiro. Esta é Calais, último recurso antes da felicidade. Mas para atravessara fronteira é preciso ter pulmões de aço. Literalmente.

E se te escondes em um caminhão, a polícia introduz finas cânulas sob o teu tendão para captar a tua respiração. O único jeito é enfiar a cabeça em um saquinho de plástico e segurar a respiração.

Uma imagem devastadora e uma metáfora de raro poder. Inúmeros clandestinos amontoados num caminhão com a cabeça num daqueles sacos que usamos para fazer compras no supermercado: assim nos foi apresentado o protagonista Bilal. O rapaz iraquiano tem os olhos tristes de quem não mais viu o céu azul, braços fortes, teimosia e desespero, que o levarão a atravessar a nado o Canal da Mancha. Por quê? Um amor, talvez o único da sua vida, está tão longe mas tão perto. O outro é Simon, um insuperável Vincent Lindon, instrutor de natação. Tem uma mulher que é voluntária junto aos imigrantes e que o está deixando com um sentimento de vazio, invencível. Ele vai se afeiçoar ao jovem. Tocado pela sua obstinação, ele o treinará e encorajará a não ceder diante do *blackout* da vida. O clima melancólico que permeia o “presente” de ambos – amargo para Simon e desesperado para Bilal – torna-se luta comum diante das perseguições da polícia e das delações dos vizinhos de casa. Welcome é um golpe fatal à gaiola dos preconceitos sociais. Intenso, compacto, político, nunca desacreditado, torna quase impossível manter as mesmas idéias na imaginação.

PARA PENSAR

SOBRE A IDÉIA DO FILME – Chamar de "Bem-vindo", de modo provocador em inglês "Welcome", o imigrante-símbolo Bilal, o curdo-paquistânês devolvido morto pela polícia costeira inglesa, depois de ter-lhe dado uma caçada fatal.

O evento do pequeno Bilal se repete de modo mais ou menos semelhante, a cada dia nas costas meridionais da Europa, porque todos os governos estão agora apressados em fazer leis suficientemente restritivas e desumanas para poder tranquilizar as "nossas consciências apavoradas", saciadas de bem-estar. No entanto, o fato de virarmos o rosto para não vermos torna-nos cada dia mais incapazes de "compaixão" e nos priva daquela humanidade que é o devido respeito ao outro, ao próximo "diferente" e menos afortunado. Nós colhemos dos estrangeiros, e cada vez mais, apenas uma identidade difusa, em que se mesclam bons e não bons. Eles parecem minar as nossas certezas, o nosso bem-estar, a tranquilidade da nossa vida privada.

SOBRE A SONHO DO FILME – Acordar, abrir as consciências. Qual é a acolhida reservada aos imigrantes da Europa? Qual é o sentido e o valor da palavra "welcome" em um país como a França? E na Itália, na Inglaterra?

Philippe Lioret fez de verdade estas perguntas ao realizar o filme. Parte do comentário social de Ken Loach (autor inglês que entrou definitivamente no Pantheon dos grandes diretores europeus) para assumir a forma do cinema intimista tipicamente francês. De um lado coloca o relato das condições desumanas de vida dos migrantes caçados também na leiga e democrática França por uma legislação discriminadora.

Por outro lado a história comovente de homens que crescem e se transformam quando descobrem o outro por si mesmos. Trata-se de uma película cheia de sugestões, em que as imagens têm como perfeito contraponto uma música evocativa e calma, os personagens (lindamente escritos) emergem em toda a sua humanidade. Sozinhos e incompreendidos mas capazes de sonhar com empreendimentos impossíveis ou de mudar radicalmente o seu olhar sobre o mundo. Uma história madura sobre sentimentos e injustiças, sobre a falta de oportunidades ou impulsos ideais falidos, sobre a descoberta de si através dos outros.

ESTANTE: VÍDEOS – por Mariolina Parenteler

O meu amigo Eric – KEN LOACH – Grã Bretanha/Itália/Bélgica – 2009

Uma comédia simplesmente fantástica! Ou melhor: uma comédia/drama, em que realidade e imaginação de "aliam" em perfeita osmose e equilíbrio sem retórica. «Ken Loach é magnífico – sustenta a crítica. A sua capacidade de compreender e relatar os aís dos trabalhadores, o calor humano com que os acompanha, a amizade e a doce ironia com que os observa, são únicos no cinema ocidental, eficazes e bonitos». Uma obra simples, sofrida e cômica como a vida cotidiana, uma homenagem a tantas existências frágeis e, todavia, capazes de confiar, abertas a um possível resgate. "Procurando Eric", como sugere o título original *Looking for Eric*, o protagonista se reencontrará, reencontrará o seu "time" e o gosto de vencer contra o destino.

A história reporta-nos a Manchester onde Eric, um pobre carteiro de cinquenta anos, tenta o suicídio de carro mas os amigos o salvam. Está numa fase crítica: é abandonado pela mulher e obrigado a manter em casa as duas filhas que teve com ela. Procura conforto com os amigos e fala com o pôster do seu mito amigo Eric Cantona, uma lenda para o futebol internacional e para os fãs do Manchester, que magicamente se materializa para dialogar com ele, dar-lhe força e conselhos, verdadeiras pérolas de sabedoria. "Qual foi o momento mais bonito?" pergunta-lhe um dia, elencando uma série memorável dos seus gols. "Um passe de bola" é a inesperada resposta. E nesta resposta está toda a essência do filme no qual o autor não perde ocasião para evidenciar a importância do empenho coletivo, do jogo em equipe, tanto no futebol como na vida. Será de fato o jogo de uma particularíssima e divertidíssima "equipe" a resolver no mais original dos

finais a sua intrincada situação. A vontade de resgate, de reação parte do indivíduo mas encontra complementação na participação dos amigos. Um filme sobre a possibilidade positiva dos mitos e sobre a reencontrada solidariedade popular. Divertido do início ao final, é um modo de originalidade inventiva declinada de forma simples e direta, como sabe fazer quem ama o seu público.

Dez invernos – VALÉRIO MIELI – Itália/ Rússia – 2009

Entre as notas do diretor principiante (31 anos) lê-se: «Dez invernos é a história de dois meninos que não conseguindo logo amar-se devem aprender a fazê-lo, industriando-se entre as dificuldades do amadurecimento humano. Para relatá-la eu queria uma forma romântica que fosse verdadeira e fabulosa ao mesmo tempo. Por isso escolhi ambientar o filme em uma cidade poética como Veneza, mostrando nela o rosto cotidiano dos mercados e dos barcos a vapor. Em todas as fases do processo, desde a redação até o trabalho com os atores e com a música, minha preocupação principal foi manter este equilíbrio entre o realismo e a leveza». *Dez invernos* é um filme que nasce nas salas de aula do Centro Experimental de Cinematografia quando Valério Mieli, aluno do curso de Direção, escreve sobre um assunto autobiográfico como trabalho de graduação e a CSC Produção o propõe à Rai Cinema. O filme torna-se assim um desafio compartilhado por um grupo de jovens profissionais na maior parte ex-alunos da nascente CSC Produção. Uma aventura que durou seis meses de preparação e oito semanas de filmagem entre a lagoa de Veneza, o interior de Veneza e a Rússia.

A escolha do país co-produtor está ligada à exigência de um maior alento narrativo, necessário para relatar tanto a distância geográfica como o distanciamento emotivo entre os dois jovens estudantes universitários protagonistas: Camila e Silvestro e sua mútua perseguição durante dez temporadas. Camila, chegando do campo, no começo um pouco tímida e inábil, Silvestre, mais ativo, porém, assim como ela, prejudicado pela inexperiência. Os capítulos se sucedem colocando em primeiro plano o lento, progressivo desenrolar de suas atitudes recíprocas. Entre atrações, represálias, equívocos, mal-entendidos e, num certo momento, também desapegos, “sai um diário intimista, uma sucessão de sentimentos ásperos e delicados ao mesmo tempo, espelho das indecisões e das incertezas de tantos jovens de hoje”.

ESTANTE: LIVROS – por Adriana Nepi

Gerles As, e Koury- **Um palestino carrega a cruz** - EMI 2009

Já faz tempo que ouvimos falar da tensão entre israelenses e palestinos: um problema que parece humanamente insolúvel. Porém dele, tem-se um conhecimento aproximativo e superficial. A mídia, como sempre, refere-se a ele através de filtros ideológicos e incertos. O livro que apresentamos é, por assim dizer, a captação direta de uma situação real. O autor é um árabe cristão, sacerdote da igreja católica grega. As argumentações, lúcidas e pontuais, têm como pano de fundo todo um entrelaçamento de lembranças pessoais, de episódios vividos e sofridos. Não se percebe sombra de ódio ou de rancor neste homem que, com tanta paixão, reivindica os direitos do seu povo: entra-se simplesmente no cerne de uma situação extrema, centenas de aldeias destruídas, famílias obrigadas a deixar a própria casa, os próprios campos e o próprio gado, para ver até mesmo confiscar as fontes, tornar difícil o trabalho e as comunicações para sujeitar-se a uma brutal ocupação. O livro conclui-se com um apêndice que é como um raio de esperança: narra a sólida e afetuosa amizade entre o autor e um médico hebreu de Israel o qual, mesmo na fidelidade ao seu povo, trabalha como ativista pela causa da justiça e da paz. Somente um despertar das consciências e uma aproximação dos corações conseguirá conquistar a paz onde falham as armas e a diplomacia.

Emergência educativa é hoje o nome do problema que interpela fortemente a Igreja e a sociedade. No livro são analisadas as complexas problemáticas da escola como ambiente educativo e da sua integração necessária com o trabalho dos pais. Mesmo tratando com realismo as dificuldades também pessoalmente experimentadas, o autor encoraja de modo convincente ao otimismo e à confiança. Não por acaso o livro oferece, na introdução, as palavras de Bento XVI: “Não temais! Todas estas dificuldades não são intransponíveis. Elas são o reverso da medalha daquele dom grande e precioso que é a nossa liberdade... Diferentemente do que acontece no campo da técnica, onde os progressos de hoje podem somar-se aos do passado, no campo da formação pessoal não existe uma semelhante possibilidade de acumulação, porque a liberdade do homem é sempre nova... Mesmo os maiores valores do passado não podem ser simplesmente herdados, mas tornam-se nossos e renovados através de uma sofrida escolha pessoal...”. O livro é endereçado aos professores, no seu necessário relacionamento com os pais, não genericamente desejado, como muitas vezes ainda acontece. São dedicados à família também os dois capítulos finais que descrevem as diferentes estruturas e tipologias familiares, e as etapas da idade evolutiva, com as diversas metas ligadas ao crescimento.

A. Maria Piccione – **A bota rasgada**– PAULINAS 2010

Poucas de nós agora, as mais idosas, têm ainda viva na memória os acontecimentos do período histórico que gira em torno da segunda guerra mundial. As nossas crianças podem ter ouvido alguma parte da história contada pelo bisavô ou pela bisavó. Como oferecer às novas gerações a memória daqueles trágicos, mas por outro lado, épicos momentos da nossa história? A autora inventa o simples evento de dois pré-adolescentes que vivem aqueles anos sombrios, sem perder a despreocupação própria da sua idade mas percebendo, por reflexo, as preocupações e a ansiedade dos adultos. É, no fundo, aquilo que acontece na realidade de cada tempo, quando os fatos julgados importantes pela história se entrelaçam com as pequenas histórias anônimas de cada pessoa, sobre as quais o tempo jogará a sua cortina de silêncio, mas que também fazem parte do tecido da história humana. O livro é destinado aos adolescentes do ensino fundamental, ainda disponíveis à leitura de livros escritos propositalmente para eles.

O LIVRO

As asas da Liberdade - *Adriana Nepi*

Um retiro espiritual aos sacerdotes, com o pressentimento de que seja o último. É talvez tudo quanto confere um tom de familiaridade muito humana às simples reflexões deste homem idoso e doente que se sente “na reta final”, mas que nada perdeu da sua autoridade e da sua clareza interior

A introdução segue um pouco o modo tradicional de um retiro. Mas de repente sai dos esquemas dizendo que são cinco os atores do retiro. Quem escuta aguça logo os ouvidos... “Se nos perguntamos – prossegue – do que seria bonito falar como último assunto, como derradeira lembrança, creio que seria bonito falar da vida eterna. É grande a vitória de Deus, definitiva, irrevogável, que tem como raiz a morte e a ressurreição de Jesus...

O que me impressiona nesta última fase da minha vida, também como resultado das minhas frequentes internações hospitalares, é que Jesus foi tomado pelo Pai e acompanhado fielmente: este é o meu Filho, que eu escolhi... Depois, pouco a pouco parece que aquele Filho é abandonado pelo Pai. Eis: Jesus, assim humilhado, ultrajado, abandonado, não recua um milímetro na sua confiança ao Pai... Abandona-se totalmente, até entregar-se com perda absoluta... Jesus como modelo de abandono total: um tema que tratarei de bom grado...”.

Depois de introduzir-se de forma coloquial que continuará até o fim, o cardeal Martini desenvolve suas reflexões sobre algumas linhas de trechos da Carta aos Romanos. Parte da premissa de Paulo: "...Tenho um vivo desejo de ver vocês para lhes comunicar algum dom espiritual, mediante a fé que temos em comum, eu e vocês.". Palavras citadas com frequência por ele – lembra – em muitos retiros, para evidenciar a tensão fecunda que existe entre quem dá e quem recebe a Palavra. Retorna continuamente a esta referência numa longa experiência de atividades pastorais e é permeado por um grande sopro de fé e otimismo. Reevoca, o emérito bispo de Milão, os encontros com os Conselhos pastorais da diocese. Normalmente começava assim: "Somos poucos, somos sempre os mesmos, faltam-nos os jovens etc.". E ele: "Mas não tendes nada para agradecer a Deus? Não compreendeis que o único fato de viver a fé em um contexto tão pagão é um imenso dom de Deus?" e cita as palavras de Paulo: "Antes de mais nada rendo graças ao meu Deus por meio de Jesus Cristo por todos vocês...". Evidencia que o Apóstolo atesta rezar incessantemente por todas as comunidades cristãs, portanto, ele se atém a falar da oração de intercessão, da beleza de abraçar toda a humanidade, todos aqueles que sofrem qualquer gênero de aflição. Se a nossa intercessão é pobre e distraída, não nos esqueçamos, exorta, de que ela "é um pequeno riacho que entra no grande rio da intercessão da Igreja, que por sua vez entra no imenso oceano da intercessão de Cristo, sempre vivo a interceder por nós". Seguindo novamente o texto de Paulo que enumera em uma lista impressionante todas as formas da malvadez humana, para concluir a respeito da impossibilidade de salvar-se sem a graça, o tom afetuoso e confidencial do pai assume a dureza de uma atualíssima exigência. Ninguém pense: isto não é para mim. Todos estes enormes pecados foram cometidos não só na história do mundo, mas também da Igreja: pelos leigos, padres, irmãs, religiosos, bispos, papas... E, neste ponto, abre um impiedoso exame sobre os pecados do mundo e da Igreja, até tocar com lúcida penetração certos recantos obscuros da alma: por que para ele aquele lugar, aquela promoção, e não a mim? E certo conformismo, certas reticências ditadas pela não confessada ambição: se falar, como é meu dever, não perderei a estima e o prestígio, não colocarei em jogo a minha carreira? E a covarde arma da carta anônima, e o simular uma religiosidade que não existe e ostentar uma observância puramente exterior e a vaidade de buscar o sucesso, a ostentação do fausto...

"A ira de Deus", intitula-se esta meditação, comparada à travessia de uma nuvem obscura carregada de eletricidade, com granizo, trovões relâmpagos é, para nós, o mistério indecifrável do mal contra o qual existe uma só salvação: a graça de Cristo, acolhida na fé. As forças negativas do mal e as forças positivas do bem estão em perene luta dentro de nós, em todos nós, também nas crianças... Não se deve porém ter medo: não se trata nem mesmo de demonizar a atração que algumas vezes o maligno exerce sobre nós... O Espírito Santo nos é dado para sustentar a nossa fraqueza e acolher, se o quisermos, o dom da liberdade; sabendo que não há condição humana que possa criar amarguras permanentes; que toda situação pode abrir-se à alegria do Senhor.

É exatamente pela alegria, pela paz interior que se mede a nossa pertença a Cristo, a eficácia da nossa presença entre os homens nossos irmãos. E ainda uma simpática lembrança pessoal: "Vocês – dizia aos seus paroquianos – podem tornar alegre ou triste a sua comunidade... Se tiverem o rosto alegre, todos serão contagiados pela sua alegria" e conclui: "O sorriso é o primeiro dever de um bispo...". Não foi fácil apresentar este livro, modesto no tamanho e riquíssimo no conteúdo. Procurou-se mais dar uma pequena amostra, para atrair ao menos alguns para a leitura. Nele respira-se a serenidade de um encontro pessoal e autêntico com a Palavra, quase confirmando a declaração de Paulo: "O reino dos céus é justiça, paz e alegria no Espírito Santo" (Rm 15, 17).



www.cuidadenos!

O novo analfabetismo? O dos anciãos! Sim, porque, apesar de sua sabedoria e de sua experiência, hoje em dia, como não são capazes de usar as novas tecnologias (o computador sobretudo), é como se não soubessem mais nem ler, nem escrever. Cortados da vida!

Não é um problema apenas nosso, “pobres” irmãs idosas. Eu tenho documentado: A relação entre idosos e tecnologia é difícil em toda parte, é geral, e em muitos lugares já há quem se mobilize para dar início ao diálogo entre estes dois mundos.

Por exemplo, partiu da Inglaterra, com a invenção de *Simplicity* – um computador para idosos – o primeiro projeto que tenta aproximar 200 mil idosos do mundo da informática.

Na Itália surgiu a “*Internet Saloon*”, iniciativa de alfabetização informática, dedicada aos maiores de 60 para eliminar a distância digital que separa o ancião do jovem. É de Cagliari a avó de 80 anos que venceu, em 2008, o prêmio “mulher do ano”, porque, para superar a depressão, abriu um blog, ou melhor, um diário na internet. Foi, então, considerada uma exemplar figura feminina pela sua capacidade de resolver problemas (Bela descoberta! Para nós, um tempo atrás, para vencer a depressão, bastava ir à igreja e entregar-se de coração a Deus com fé. O prêmio, era Ele mesmo quem dava!).

Enfim, li que foi inventado o *celular Prata*, especialmente para a terceira idade! Ele teria uma chave para a ligação automática ao familiar mais próximo (no nosso caso deveria ser a diretora ou a enfermeira ou talvez Jesus mesmo!), uma outra para a ligação ao 118 (ou à inspetora ou a Deus Pai!) uma última para ser informados a respeito de assuntos de interesse geral: indicações sobre vacinação, sobre como prevenir uma doença, ou sobre os modos de fazer o crédito da aposentadoria, etc. (para nós, os horários das práticas de piedade, a chegada da circular da Madre, o anúncio das irmãs falecidas, ou as mudanças de casa!). Mas é sério, vamos lá!

Toda esta ansiedade pela alfabetização tecnológica dos idosos é inútil.

Não se elimina assim a solidão existencial, não é só assim que se treina a memória, não ocorre à nossa idade seguir a moda. Estamos no mundo, mas não somos do mundo! Certamente, se Deus abrisse as reservas para o Paraíso através da web, você poderia alimentar este sonho e começar a aprender! Mas acredito que Deus continue sendo um bom Pai e que ainda use os caminhos do coração e não os da informática! Então, para nós idosas, basta ir à igreja, colocar-nos ali em silêncio e digitar no teclado do coração: *www.cuidademim!* *www.salvame!* E fim!

NO PRÓXIMO NÚMERO

ENCONTROS:.....*Pobreza e salvaguarda da criação*

PRIMEIRO PLANO:...*O porquê de Francisco* O homem de olhar sereno

EM BUSCA:.....*Pastoralmente*..... A relação com os jovens

COMUNICAR.....*Cara a cara* Comunicar nos ambientes educativos



O mais importante
não é pensar muito e amar muito.
Por este motivo fazei tudo aquilo que mais vos estimula a amar...
(Teresa d'Avila)

HINO À VIDA



***SÓ EM DEUS REPOUSA
A MINHA ALMA:
DELE VEM A MINHA ESPERANÇA.***

(SALMO 61,6)